

Polissemia sufixal: o caso das formas X-eiro – propostas e problemas

*Maria Lúcia Leitão de Almeida
e Carlos Alexandre Gonçalves*
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

1. A questão da polissemia

Classicamente, uma palavra é considerada polissêmica se mais de uma definição é necessária para dar conta de seus significados ou, em termos mais precisamente aristotélicos, a forma é polissêmica se um único conjunto de condições necessárias e suficientes não pode ser definido para cobrir todos os conceitos expressos por ela. Se tal ocorre, três problemas imediatamente se colocam:

- (a) se diferentes sentidos da palavra são sistematicamente relacionados, como eles derivam uns dos outros?
- (b) se há relação semântica entre formas, como elas podem ser organizadas de modo a refletir regularidades?
- (c) a distinção entre aspectos do significado corresponde a múltiplos sentidos da palavra ou constitui diferentes manifestações de um sentido comum?

Tais questões, que freqüentemente permeiam a literatura sobre polissemia (Fillmore & Kay, 1994), tornam-se ainda mais complexas quando consideramos a questão dos diversos sentidos que aparecem em construções afixais, pois a tais questões se acrescentam aspectos específicos da teoria morfológica. Dessa maneira, deve-se considerar, também, (1) se a polissemia está na base ou no produto da derivação, (2) se o próprio formativo é polissêmico, ou, ainda, (3) se há características da base que licenciam este ou aquele significado.

2. Objeto da análise e objetivos

Neste trabalho, enfocamos a variedade de acepções das formas X-eiro do português brasileiro, reforçando a existência de polissemia do tipo gramatical – em oposição à lexical, como prioritariamente trata a literatura sobre o assunto (p. ex., Lakoff, 1987). Vale dizer que Fillmore (1990: 130) também distingue a polissemia gramatical da lexical, mas, diferentemente da análise que desenvolvemos neste artigo, detém-se o autor apenas nas formações sintáticas com verbos auxiliares. No nosso caso, mapearemos as diferentes significações das formas X-eiro, tendo em vista os seguintes objetivos:

- (a) sugerir que as construções com -eiro constituem uma construção gramatical, nos termos de Goldberg (1995),
- (b) estabelecer o significado mais básico do sufixo, se agente (como em 'sorveteiro' e 'sapateiro') ou locativo (como em 'cinzeiro' e 'galinheiro),
- (c) depreender os processos cognitivos que subjazem às diferentes acepções das formas derivadas, e, por fim,
- (d) estabelecer uma rede, nos termos de Fillmore & Kay (1994), que explicita a extensão polissêmica dos diferentes tipos de forma a partir de núcleo(s) semântico(s) comum(ns).

3. As diferentes acepções das formas X-eiro

Em estudo sobre as construções X-eiro no português do Brasil, Gonçalves (1996) propõe que as formas X-eiro sejam distribuídas por seis grupos de afinidade morfossemântica: (a) agentivos profissionais ('pedreiro', 'sorveteiro'), (b) agentivos habituais ('fofoqueiro', 'marombeiro'), (c) agentivos naturais ('coqueiro', 'jambeiro'), (d) locativos ('cinzeiro', 'galinheiro'), (e) intensificadores ('nevoeiro', 'lamaceiro') e (f) modais ('certeiro', 'grosseiro'). Marinho (2004) reanalisa as formas X-eiro estudadas por Gonçalves (1996) à luz da Morfologia Derivacional (Aronoff, 1979; Basílio, 1980) e conclui que são produtivas apenas as acepções agentivas.

O sufixo -eiro designador de agente profissional pode ser parafraseado como "aquele que trabalha com o que está especificado na base". As formações de agente profissional das construções X-eiro caracterizam-se por possuir base nominal e concreta com *output* substantivo também concreto. É o que se percebe em exemplos como 'açougueiro', 'jornaleiro', 'minhoqueiro', 'porteiro' e 'jardineiro'. Portanto, bases como "açougue", "jornal", "jardim", "minhoca" e "porta" possuem as características comuns de concretude e classe nominal, o que também ocorre com seus respectivos produtos agentivos.

No *corpus* analisado por Marinho (2004), algumas formações mais recentes atestam a produtividade da acepção em foco. É o caso de 'minhoqueiro' (denominação dada aos trabalhadores que vivem do comércio de minhocas gigantes na Região Norte do país) e 'mosquiteiro' (profissionais que trabalham no combate ao mosquito da dengue), recentemente veiculadas na mídia televisiva brasileira.

O -eiro agente habitual pode ser traduzido, nas palavras de Marinho (2004: 44), como "aquele que pratica o que está especificado na base com frequência". É o caso, entre inúmeros outros, de 'caloteiro', 'trambiqueiro' e 'cambalacheiro'. Nesse caso, as bases são abstratas, ao contrário do que ocorre com os agentivos profissionais. Se o produto dos agentes profissionais é um substantivo, o dos habituais pode ser tanto um substantivo quanto um adjetivo, ou seja, os itens lexicais apresentam uma acentuada mobilidade categorial. De acordo com Gonçalves (1996), uma característica marcante dos produtos desse grupo é a expressão da pejoratividade: as formações são criadas com o intuito de atribuir um juízo de valor depreciativo ao ser denominado.

Tanto na análise de Marinho (2004) quanto na de Gonçalves (1996), existem dois tipos de formações agentivas com o sufixo -eiro: as profissionais e as habituais. Seria mais interessante, numa análise baseada na competência lexical do falante, definir apenas uma regra de formação de agentivos em português? Alguns argumentos podem ser utilizados para reforçar a idéia de agrupamentos distintos de X-eiro agentivo:

- (a) ao preservar os dois agrupamentos, consegue-se explicar o fato de as bases dos agentes profissionais serem concretas e a dos habituais abstratas;
- (b) formas como ‘faroleiro’ só têm sua especificação semântica determinada de acordo com a interpretação dada à base. Se ela for interpretada como concreta, tem-se um agente profissional (aquele que trabalha em faróis); caso contrário, a formação resultante constitui agente habitual (aquele que faz farol. ou seja, é dado a ostentações);
- (c) um único agrupamento não daria conta da pejoratividade e da flutuação categorial, presente apenas nos produtos dos agentivos habituais; e, por fim,
- (d) a análise unificada dos agentivos não dá conta do fato de somente os profissionais estarem em relação paradigmática com locativos X-aria, como se vê nos pares abaixo:

barbeiro	barbearia
chapeleiro	chapelaria
cuteleiro	cutelaria
enfermeiro	enfermaria
marceneiro	marcenaria
peixeiro	peixaria
mandingueiro	*mandingaria
mexeriqueiro	*mexericaria
cambalacheiro	*cambalacharia
caloteiro	*calotaria
macumbeiro	*macumbaria

O grupo de construções X-eiro que denota nome de árvore apresenta bases (nomes de frutos) e produtos nominais caracterizados como concretos: ‘abacateiro’, ‘mamoeiro’ e ‘coqueiro’. Gonçalves (1996) e Marinho (2004) defendem a idéia de extensão metafórica para os dados desse grupo: um item como ‘cajazeiro’ está mais próximo de uma palavra como ‘doceiro’ que de uma como ‘saleiro’, “visto que ela é mais bem interpretada como “que produz X” do que como “onde fica X”, da mesma forma que o agente profissional” (Marinho, op. cit.: 52).

No grupo “acúmulo/excesso”, o sufixo -eiro marca a intensidade do que se especifica na base substantiva (“aguaceiro” pode ser parafraseado como excesso de água). Em função do baixo contingente de dados e da inexistência de novas formações, o grupo em questão pode ser considerado improdutivo.

As construções locativas em -eiro apresentam, via de regra, base e produto nominais e concretos. Os derivados são interpretados como “local onde se deposita o

que está veiculado na base”. ‘Saleiro’ é, portanto, o local onde se coloca/guarda sal. Em alguns itens do *corpus* analisado por Marinho (2004), a idéia de local não se concentra necessariamente em um objeto em que se põe algo: ‘banheiro’, ‘puteiro’ e ‘galinheiro’ veiculam diferentes acepções de local, aqui interpretado apenas genericamente. O grupo é analisado como improdutivo pelos dois autores que investigaram as formações X-eiro do português brasileiro.

Por fim, palavras como ‘certo’ e ‘verdadeiro’ ressaltam uma qualidade e/ou característica da base, de forma que as construções podem ser parafraseadas como “X-eiro é dotado ou tem as características de X”. Por exemplo, “grosseiro” é o ser qualificado por ser “grosso”, o que caracteriza tais construções como modais, haja vista a ausência de significado claramente especificado. O que esse grupo possui como fator de diferenciação em relação aos outros é o fato de gerar *outputs* tipicamente adjetivos. Como a acepção locativa, também a modal é considerada improdutiva no português brasileiro contemporâneo.

4. X-eiro como construção gramatical

Para a Linguística Cognitiva, a gramática consiste de um inventário de categorias e construções gramaticais (Goldberg, 1995). Por construção, entende-se o pareamento de uma estrutura conceptual complexa com um significante e uma pragmática que lhe é peculiar. No caso da derivação em pauta, tem-se uma categoria gramatical de substantivos denominais que formam a construção gramatical X-eiro. Essa construção apresenta a peculiaridade de ser polissêmica e, por isso mesmo, pode se expressar formalmente a partir de uma rede que se constrói a partir de um centro mais representativo, ou seja, no caso em pauta, que expresse um sentido mais agentivo, concreto, e que seja produtivo na língua.

Desse contorno, emergem as principais teses da Linguística Sócio-Cognitiva:

- (a) léxico, morfologia, sintaxe, semântica e pragmática formam um *continuum* de fronteiras não demarcadas (Langacker, 1987);
- (b) a língua é formada por uma coleção de construções gramaticais, i. é, um conjunto de signos em que se encontram pareados forma e sentido, existentes nos considerados diferentes níveis da gramática. Em outras palavras, podem ser construções gramaticais tanto os morfemas quanto as palavras e as frases (Goldberg, 1995);
- (c) constitui característica da cognição humana o poder de projeção inter e intra-dominial, ou seja, de metaforizar e de metonimizar (Langacker, 1987).

Como dito anteriormente, *sugerimos* que as construções agentivas constituam uma construção gramatical (CG) básica que permite a realização de uma rede construcional, que demonstre a relação não só das várias acepções de X-eiro como das outras formações agentivas, mas isso é assunto para outro trabalho.

Aventamos, apenas como hipótese de trabalho, que haja uma construção gramatical de agentivos em português, tão básica como uma das cinco construções que Goldberg (1995: 1-2) descreve em seu trabalho. Se uma construção sintática é descrita aliando-se a sua configuração sintática a uma semântica específica, podemos postular legitimamente que o mesmo se dá para as construções morfológicas, havendo aí tão somente alteração do nível do componente-significante (a configuração agora é morfológica).

O sufixo descrito neste trabalho não constitui o único afixo denominal formador de agentivos em nossa língua; outros sufixos desempenham igual função em português, como, por exemplo, -ário ('bancário', 'escriturário') e -ista ('articulista', 'roteirista'). A análise desenvolvida para as formas X-eiro pode ser estendida às formações X-ário e X-ista, pois acreditamos haver uma construção geral de agentivos em português (doravante CGA), conforme explicado. Essa CGA se apóia em esquemas imagéticos primitivos de relações espaciais: parte-todo, contacto, adjacência. A compreensão da CGA é alimentada por uma das mais metáforas fundamentais: a de estrutura de evento (Lakoff & Johnson, 1980: 179). O evento fornecido pela metáfora integra elementos relevantes ao seu estabelecimento: quem age, onde, sobre o quê, com quê, como. Tem-se, ao lado da integração (Fauconnier & Turner, 1994, 1996 e 1998), a compressão da informação, que forma uma rede do tipo "espelho", ou seja, uma rede em que todos os espaços (*inputs*, genéricos e da mescla) partilham um enquadre organizado, no caso, de evento. A CGA pode ser descrita da seguinte maneira:

Construção agentiva: X (base)(agir) Y (sufixo agentivo)

5. X-eiro com rede polissêmica

Para o estabelecimento da rede X-eiro, partimos da análise semântica dos seus produtos, levando em consideração, conforme metodologia sugerida em Fillmore (1990), a acepção de dicionário (no caso, a definição do sufixo -eiro no Dicionário Aurélio (Ferreira, 2000)). Apesar de o verbete ser pouco esclarecedor, a análise feita por Gonçalves (1996) e Marinho (2004) mostra que há prevalência da noção de agentividade concreta ('quitandeiro' – que age pertinentemente na quitanda) ou abstrata ('abacateiro' – que gera abacates) nas palavras assim formadas¹.

Três grandes questões emergem quando se analisam as formas em -eiro: (a) como os significados das partes se relacionam para com o significado global do produto? (b) que significado adicional ou função cognitiva atua em função do que se estabelece em (a)? e (c) como se relacionam os diversos tipos de X-eiro entre si?

Pela classificação apresentada na seção 3, seis grupos distintos de acepções caracterizam as formas X-eiro e aparentemente não se constituem em extensões polissêmicas. De fato, parece pouco consistente, à primeira vista, aproximar agentes,

¹ De acordo com Gonçalves (1996), cerca de 90% das 345 formações X-eiro, rastreadas a partir de fontes orais e escrita, nomeiam agentes.

como ‘vaqueiro’ e ‘quiosqueiro’, a modais ou a intensificadores, sobretudo se levarmos em conta definição de agente tomada do senso comum – “aquele que pratica uma ação”. Entretanto, se buscarmos uma acepção mais filosófica para “agente”, como a proposta por Ferreira (2000), encontraremos um alargamento da noção: agente é definido pelo dicionarista Aurélio (Ferreira, 2000: 14) como a “sede física, psicológica, moral, social ou metafísica da ação; natureza ou vontade que se manifesta na ação”. Seja pelo senso comum, seja pela definição filosófica, agente e ação estão inextricavelmente ligados.

Então, a resposta às questões (a) e (b) encontram-se nos agrupamentos e suas explicações; a resposta à (c), na proposta de rede e considerações de motivações aos seus *links*.

5.1. Os seis grupos

Levando em conta Fillmore (1990), para quem que significados são relativizados a cenas, torna-se inevitável a constatação de que a menção de um agentivo, típico ou não, ativa² uma cena de evento, ou seja, de alguém (ou algo) que age em algum lugar, de algum modo, sobre um dado objeto, produzindo alguma coisa. Desse modo, os elementos básicos que integram uma estrutura de evento são (a) o agente, (b) a ação, (c) o local e, por fim, (d) o objeto, que, por sua vez, pode se consubstanciar em (d1) produto (açúcar), (d2) instrumento (ferro), (d3) substância (cachaça) e (d4) ente (animais).

Como demonstrado em Fillmore (op.cit.), as cenas podem ser tomadas em várias perspectivas. Por exemplo, nas cenas comerciais, a transação pode ter foco no receptor, no caso do verbo ‘comprar’, ou no doador, no caso de ‘vender’. Nas cenas agentivas, ocorre processo similar de focalização. Por meio de processos lingüísticos e cognitivos, são focalizados determinados elementos e subfocalizados outros, de maneira altamente regular no que diz respeito à relação entre a base e o sufixo agentivo. Assim, quando falamos em ‘jardineiro’, conceptualizamos alguém (agente) que trabalha num jardim (local). Em ‘açucareiro’, ao contrário, conceptualizamos um local que tem por função armazenar o produto (objeto) especificado pela base (açúcar). Em cada grupo, pode ser focalizado um elemento para servir de base à formação, sendo que o produto lexical vai designar outros elementos da mesma cena. Os elementos da cena são os seguintes, como já adiantamos mais acima:

AGENTE	
AÇÃO / MODO	
LOCAL	
OBJETO	Produto
	Instrumento
	Substância
	Ente

² Nos termos de Fauconnier (1985/1994), as palavras não portam os significados, mas guiam o sentido por meio da ativação das bases estáveis de conhecimento armazenado.

5.2 Grupo 1: Agentes profissionais

Considerando-se a metáfora de que “ações são locais” e que, para a Linguística Cognitiva, as relações espaciais são mais básicas, encontram-se no centro desse grupo formas como ‘jardineiro’, ‘coveiro’ e ‘açougueiro’, que tomam o lugar em que se desempenha a função como base. Se, entretanto, o local geral é irrelevante para a definição do agente profissional, especifica-se, na base, a parte sobre a qual se dá a ação (‘porta’/‘porteiro’). Na inexistência de lugar específico para atividade em que a única constante é o objeto de trabalho, o objeto serve de base (‘minhoca’/‘minhoqueiro’)³. Similarmente, temos a relação metonímica produtos por agente, que gera: ‘sorveteiro’, ‘sapateiro’, ‘costureiro’ e ‘chaveiro’. Por fim, tem-se substância por agente, como ‘cachaceiro’ e ‘maconheiro’. Observe-se que as formações agentivas desse grupo resultam em designações de agentes, em seu sentido mais estrito.

5.3 Grupo 2: Agentes habituais

Este grupo é formado por palavras que designam habitualidade de ação socialmente reprovada, como ‘fofoqueiro’, ‘futriqueiro’ e ‘faroleiro’. Essas formações se constroem metonimicamente: a atividade (fofoca) serve de base para expressar o agente. O fato de o exercício de uma profissão/ofício envolver uma prática quase sempre costumeira/rotineira pode ter sido o aspecto motivador para a extensão de significado.

5.4 Grupo 3: Agentes naturais

Este grupo caracteriza-se por conter nomes de árvores – ‘coqueiro’, ‘jambeiro’, ‘abacateiro’ – que também se formam por processo metonímico.

5.5 Grupo 4: Locativos

Neste grupo, encontram-se objetos ou espaços que têm em comum o fato de reunirem/guardarem elementos múltiplos da espécie designada pela base: ‘sal’/‘saleiro’, ‘açúcar’/‘açucareiro’, ‘galinha’/‘galinheiro’.

5.6 Grupo 5: Intensificadores

Este grupo reúne formas que designam o modo da ação que pode ser intensificada pela metonímia “substância por seu excesso”: ‘lamaceiro’, ‘nevoeiro’.

³ Não há, neste grupo, como ocorre no português europeu, agentivos que tomem como base a ação, como banho/banheiro. Essa formação equivale no PB a “casa de banho”. A denominação para o profissional que atua na praia, em PB, é salva-vida.

5.7 Grupo 6: Modais

Os vocábulos têm por base um adjetivo de carácter geral, cuja propriedade é atribuir valor a um modo de ação: ‘certo’/‘certo’, ‘grosso’/‘grosseiro’.

6. A rede polissêmica

No caso da rede X-eiro, tem-se que elementos da cena agentiva, ativada pela forma lexical, também se encontram subjacentes à formação. A rede X-eiro proposta desdobra-se a partir de um centro básico (prototípico), que é expresso pelo grupo dos agentes profissionais. Por extensão metafórica, dois grupos derivam do centro: os agentes habituais e os naturais. As extensões parecem se dar do seguinte modo: se 1. Trabalhar é agir (agente profissional), então, 2. Praticar algo habitualmente é agir (agente habitual) e 3. Produzir naturalmente é agir (agente natural).

Por serem gerados diretamente do centro prototípico pela mesma habilidade cognitiva – a conceptualização de um domínio em termos de outro –, esse grupos serão representados no diagrama na linha superior. Os outros dois grupos – locativos e modais – parecem se dar por alteração de foco nos elementos da cena. No primeiro caso, focaliza-se o local pelo agente; no segundo, o modo ou atributo da ação. Este último grupo, entretanto, parece ser mais naturalmente gerado dos agentes habituais pelo fato de ambos envolverem um carácter atributivo de julgamento: tanto é que os habituais podem ocorrer como adjetivos e os modais já são derivados diretamente de adjetivos.

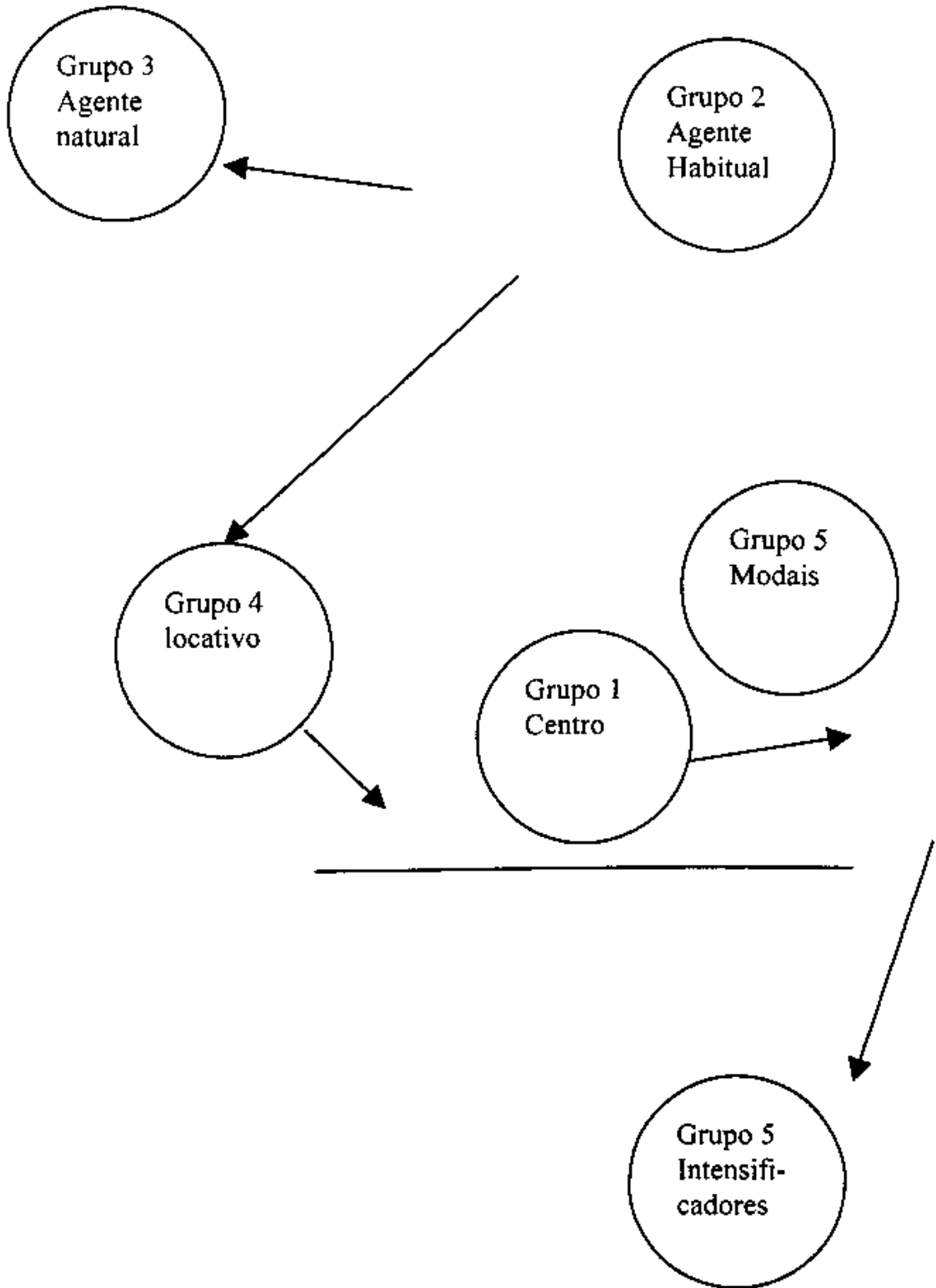
O último grupo – o dos intensificadores – deve ser derivado do grupo dos locativos, porque nesse há uma noção de multiplicidade, que é refocalizada como excesso de algo. Por serem menos tipicamente agentivos e por serem gerados por habilidades cognitivas diferentes das anteriores, os modais serão representados abaixo do centro prototípico.

A rede polissêmica que caracteriza as construções X-eiro é a da página seguinte, em nossa proposta de análise.

7. Palavras finais

A produção de um agentivo, no caso em -eiro, evoca uma cena de ação com seus elementos componentes. As instruções para construção do sentido se dão por pistas contextuais, pragmáticas e/ou lingüísticas, que proporcionarão o acesso a que grupo de agentivos a palavra em questão se liga.

A rede a que chegamos parece resolver as questões inicialmente colocadas. Ela expressa a radialidade da categoria dos agentivos e mostra que habilidades cognitivas, já fartamente descritas na literatura, proporcionam as diversas extensões de significado do sufixo. É especialmente interessante observar que, no interior de cada grupo, a criação lexical se dá regularmente por processos metonímicos, com base nos elementos que compõem a cena esquemática de ação. Entretanto, a rede também expressa que há um centro prototípico e grupos que apresentam diferentes graus de afastamento desse centro, dois inclusive se ligando apenas indiretamente.



A rede capta também o fato de que os grupos que abrigam os vocábulos mais tipicamente agentivos formam-se por projeção metafórica a partir do núcleo, enquanto os outros se explicam por refocalização de propriedades dos grupos anteriores dos quais derivam. Não pode ser casual o fato de os que se realizam por projeção metafórica serem exatamente os grupos mais produtivos no português brasileiro. No entanto, essa verificação fica para novos estudos e análises ou, quem sabe, para outros autores. Não podemos, entretanto, deixar de nos lembrar de Langacker (1987), que afirma que a habilidade central da cognição humana é a de comparar e projetar. Talvez, por esse caminho, esteja a resposta.

Referências Bibliográficas:

- ARONOFF, M. (1979). *Word formation in generative grammar*. Cambridge: CUP Press.
- BASÍLIO, M. (1980). *Estruturas lexicais do português*. Petrópolis: Vozes.
- FAUCONNIER, G. (1985/1994). *Mental Spaces: Aspects of Meaning Construction in Natural Language*. Cambridge: Cambridge University Press.
- FAUCONNIER, G. & Turner, M. (1994). *Conceptual Projection and Middle Spaces*. Technical Report no. 9401, Department of Cognitive Science, University of California, San Diego.
- FAUCONNIER, G. & Turner, M. (1996). Blending as a Central Process of Grammar. In: Goldberg, A. (ed). *Conceptual Structure, Discourse and Language*. Stanford, CA: CSLI.
- FAUCONNIER, G. & Turner, M. (1998). Conceptual Integration Networks. *Cognitive Science*, Santa Barbara, 22 (2): 133-187.
- FERREIRA (Aurélio), A. B. (2000). *Dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes.
- FILLMORE, C. & Kay, P. (1994). *Grammatical Constructions and Linguistic Generalization: the What's X doing Y? construction*. Unpublished Manuscript
- FILLMORE, C. (1990). The Contribution of Linguistics to Language Understanding. In: Bocaz, A. (ed). *Proceedings of the First Symposium on Cognition, Language and Culture*. Universidad de Chile, 109-128.
- GOLDBERG, A. (1995). *Constructions*. Chicago: University of Chicago Press.
- GONÇALVES, C. A. (1996). Formações X-eiro no português do Brasil: um estudo sobre produtividade lexical. *Expressão*, Teresina, 6 (1): 7-21.
- LAKOFF, G. (1987). *Women, Fire and Dangerous Things: What Categories Reveal about Mind*. Chicago: University of Chicago Press.
- LAKOFF, G. & Johnson, M. (1980). *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press.
- LANGACKER, R. (1987). *Foundations of Cognitive Grammar*. Vol. 1: Theoretical Prerequisites. Stanford, Calif.: Stanford University Press.
- MARINHO, M. A. F. (2004). Questões acerca das formações X-eiro do português do Brasil. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras.